

O primeiro de todos os diabos

Davino Lima

O primeiro de todos os diabos

EDUFT
A Editora da Universidade Federal de Tocantins

 **EDUFT**
A Editora da Universidade Federal de Tocantins

O primeiro de todos os diabos

DAVINO PEREIRA DE LIMA JÚNIOR

O primeiro de todos os diabos



PALMAS – TO
2017



Reitora

Isabel Cristina Auler Pereira

Vice-reitor

Luis Eduardo Bovolato

Diretora Executiva da EDUFT

Michelle Araújo Luz Cilli

Conselho Editorial

Waldecy Rodrigues (Presidente)

Claudionor Renato da Silva

Jorge Luís Ferreira

Liliana Pena Naval

Milanez Silva de Souza

Renata Junqueira Pereira

Revisão de Texto

Rosiani Teresinha Soares Machado.

Projeto Gráfico

M&W Comunicação Integrada

Impressão

WR Gráfica

Editora UFT (EDUFT)

Universidade Federal do Tocantins

AV. NS 15, 105-Norte, Prédio da biblioteca, sala 105.

Palmas-TO, CEP: 77001-090

(63) 3232-8301 - editora@uft.edu.br

www.uft.edu.br/editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins – SISBIB/UFT

Lima Júnior, Davino Pereira de.

A945

O primeiro de todos os diabos/ Davino Pereira de Lima Júnior. – Palmas, TO
EDUFT, 2017.

115 p.

ISBN: 978-85-60487-21-9

1. Poesia 2. Ritmo 3. Diabo I. Título.

CDD B869.1

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Apresentação.....	9
Primeira parte (sempre seremos vítimas dos tempos verbais)	
Ao norte,.....	13
Vértebra,.....	24
Barricada,.....	27
Segunda parte (todos os amores iriam mesmo morrer)	
Crônica,.....	32
Menor,.....	33
Poema de terra,.....	38
O deus por trás do herói,.....	40
Paiol,.....	41
Queridas pedras,.....	42
Dívidas,.....	44
Os olhos,.....	45
Veia,.....	46
Itens antigos,.....	47
Quase sorte,.....	48
Ler,.....	49
Força motriz,.....	50
Pés e mãos,.....	51
Colheita,.....	52
Três,.....	53

O que há de vir,.....	55
Como são,.....	56
Saber e posse,.....	57
Infâmia,.....	58
Sobre deus,.....	61
Temor,.....	62
Fim da história,.....	63

Terceira parte (desejo de céu)

Aves e sol,.....	66
Pelo sucesso dos amigos: um poema feliz,.....	67
Fantasia,.....	69
Ao encontro,.....	70
Caminhando,.....	71
Espaço da paz,.....	72
Este mês,.....	74
Cancioneiro,.....	75
Sonho,.....	76
Nego,.....	77
Cama,.....	78
Solar,.....	79
Viram,.....	80
Amor,.....	81
Sob o sereno,.....	82
Havia um gato no muro,.....	84

Quarta parte (deus não tem mais nada a nos ensinar),

Alguma sorte,.....	88
Um roedor,.....	89
Longe de sensacionalismos,.....	90
O orgulho,.....	92
Até uma certa hora,.....	93
Filtro,.....	94
Quando a noite é monótona,.....	95
Beijo,.....	96
Reencontro,.....	97
Marré,.....	98
Conversa,.....	99
Dois,.....	100
Enlaces,.....	101
As crianças assassinas,.....	103
Uma porta fechada,.....	105
Vazio,.....	106
Maus bocados,.....	107
Aspiração,.....	108

Quinta parte (poemas de natal)

Primeiro poema de natal,.....	110
Segundo poema de natal,.....	111
Terceiro poema de natal (o ultimo deste ano),.....	113

APRESENTAÇÃO

uma coisa óbvia sobre a arte: cada ato seu nunca precisaria ter acontecido. esta obra também, naturalmente. por isso, que privilégio conhecer um quase natimorto, um vencedor esfarrapado. bastaria parar por aqui uma apresentação do trabalho do Davino. mas, como trabalho e autor são exigentes, vamos em frente.

uma segunda coisa óbvia sobre lançar-se na literatura é lidar comoventemente com um tempo, o nosso, e ainda mais nosso lugar em que a leitura não é a primeira, nem segunda nem décima quinta estrela do dia. portanto, o escritor já nasce marginal, ainda que dócil e quadrado. mas essa não é uma obra dócil e quadrada.

no nosso tempo cínico, em que não se penetra as armaduras onipresentes sequer com afagos, Davino veio com lirismo. está querendo o que, minha gente?

no nosso tempo de certezas tão rasas, de martírio do que é relativo, veja só, vem ele com ironia. está querendo o que?

é voz de tanta, tanta, tanta discrição que se mete justo com a palavra, a arte tão propensa a desnudar, tão durável, tão propensa à posteridade, ainda que não lida.

é, assim, livro fora do tempo. uma coragem, pois não será perdoado por isto. e mais criminoso ainda: usa do seu lugar, seu ritmo, sua cultura, fruta, rio, suor, palavra feia para expandir a terra miúda de onde veio para todas as terras possíveis. não se dá nem a um esforcinho de glorificar seus nortes, seus nortistas. maltrata-os antes. ama depois. maltrata após o amor. um inferno! só pode ser odiado. mal sabem que ternura existe numa não homenagem. estão mal acostumados os personagens reais deste livro.

assombrosa, a obra é fluxo, longa, fala que não para mais. e a gente precisava desta dose. toda ela. precisa. tenho a falar algo de mal? claro, claro. o primeiro de todos os diabos não diz o que eu que-

ria ouvir. desde a primeira leitura me perturbava de morte. maldito, me fez mudar.

a mim foi pedido apresentá-lo. mas é texto que existiu desde sempre. sendo maior que eu e cada um de nós, comi-o, fez mal, empanzinou e agora o sou. agora ele é que me apresenta, ainda que eu discorde de quase tudo.

é tão absurdamente ousado e cheio de empáfia que tenho quase certeza de que quietamente aceitará essa apresentação.

Sergio Ricardo Soares
Évora, Portugal, 6 de outubro de 2016

Primeira parte
(sempre seremos vítimas dos
tempos verbais)

Ao norte

I
não ligo mais para amores sem carne
importo-me com coxas e suor
e ao certo onde se perdeu a inocência
no escuro
não há lâmpadas
ou quando os programas
em idealismo
quando cortejar e supor
palavras e pacas mortas em currais ao norte
sempre ao norte
mais ao norte do que se pode ir
onde não é mais nenhum Brasil desses que se estereotipam
sempre em frente, rumo ao verde norte! o norte vermelho e
desabitado
inocente, como eu nunca deveria ter deixado de ser
como talvez tenha a ver com a idade deixar de amar
ou como amar, ao norte, é demasiado complicado e perigoso
não sei!
aos vinte
quanto se estenderá?
meu deus!
meu deus!
não sei
a curva que se faz nos gráficos
e a fé que morre e dá lugar a um gigante de gelo
no país que é tropical
mas não derrete
o olho, no meio do peito do gigante que não derrete, vê

a longa frota de pesar
e todo o peso pelo qual
temos que nos flagelar uma vez que só começa
e cedo ou tarde começa

mas minha boca toca orelhas e não segue
o caminho que estas impõem
em seus desenhos e flacidez
em seu gosto de pele e cera
minha língua segue até o estremecer dos dedos do pé:
ouvido adentro, gemido adentro
adentro a pele, adentro ao norte
o rosto espantado das índias nuas e da música
o rosto do gado que sai das fazendas paraenses e alimenta o mundo
a alma dos que não têm terra
e a alma dos bichos
que em algumas partes ainda iluminam a mata
com seu olhar brilhante na noite do norte

eu me confundo com o norte e com a alma
com o Tocantins que encontra o Araguaia
e segue Tocantins até encontrar o oceano
o Tocantins que passa pelo Maranhão
e se mistura com os balaios e segue em estrelas e céu
criando o verdadeiro norte
não aquele das divisões políticas
mas o do povo que tem o coração ao norte:
na parte de cima do mapa tudo é norte por esquecimento.

esquecido: o rosto do nortista entalhado pelo sol do trópico
e pela umidade amazônica
pela Amazônia que se sustenta apesar da fragilidade
apesar do solo pobre

do povo pobre
da fome
da vastidão
apesar da fé

esquecido está o vaqueiro que carrega suas tralhas
sobre o lombo do animal
percorrendo a caatinga
e eu me confundo com elas também
com o arreio de couro cru
com a voz no aboio
perdida, para nunca mais

esquecido: o vagão panorâmico do trem que parte de Tóquio a Kyoto
a dois dias do ano novo
e a cadeira que gira para lá e para cá
não anuncia nada
apenas se move tristemente

assim, este é o norte:
meu peito, meu pulso, minha vaga compreensão!
este é o norte!

não! o norte não é tão diminuto
ele segue além do equador – acima
ele é ainda oriente e polo
e júpiter e alfa-x
é tudo que está contido nos botões gustativos e nas escotomas
cintilantes
tudo que veio antes e depois do hímen – cruel capricho ana-
tômico –
e das mortes que este tem causado
no norte

no orgulho, no furo no piso que se empesteia de pragas pequenas
e dos sonhos pequenos

II

não ligo mais para amores sem carne,
só o fisgar
da imagem que se forma
em espaços escuros.
a inocência perde-se!
em tudo, porém, sobrevive:
delicada
na língua (tato)
casas de taipa, vestidos remendados,
suor cheirando a sexo
– não havia menção alguma ou suspeita.
havia escorpiões e barbeiros por entre as rachaduras
das paredes de barro
havia mangueiras – Indianas
e era Brasil
sem dúvida alguma era Via Láctea

do amor do norte é impossível qualquer dedução precisa
ele se dá na carne, pois nega as formas e o escuro
se dá em fibras e cortes rasos
sensações, que são – nada mais
o amor em metáforas tão distantes de febres
e tão distantes de benevolência
e sim próximo de agressão, pressa, inconsequência,
ódio ao pudor; exorcizado com a língua e libido
e glândes latejantes abrindo caminho em bocetas
e porra. e por que não, pau e cu
ou grosserias?

– apreensão.

há também outra forma (ideal):
um amor puro, que surge na lama
que é de verdade
está longe de estandartes
longe, além, muito além de
 vaidades
surge do asco,
do nojo, de tudo que se rejeita e rasteja
só este amor vigora para além da razão
e se faz, na maioria das vezes, frágil
e raríssimo, porém vive
às vezes vive – quantidades ínfimas de tempo.
isto basta!
um amor que não procura no outro um espelho,
mas que aconchega por igualar
que talvez nunca possa ser
– além, e tristemente, do mais ínfimo instante –
já que
o homem se vê no homem
se encontra em si
procura a si.
o nortista mergulha em si e só se compreende em si mesmo
depois de todo deslumbramento da decida,
o nortista morre ao norte.
bem, seu coração – nostalgia – morre ao norte.

(quando eu estiver lá
pensarei que nunca me ausentei
eu sentirei isto
vou compreender então que

não há meios de não estar
eu me lembro que saberei disso)

a vida explode
e nos machuca,
nós – fenômenos –
somos feridas jorrando sangue
eclodindo no sul, norte, leste, tártaro, Terra Média, Orion.

III

na Turquia
na forquilha
na Síria
quantas milhas
quantas vidas
quantas famílias
do medo
quanto segredo
tão cedo
tão pouco
– brinquedo
da saudade. notícia. vaidade. carícia. claridade.

eu te amaria mais que o próprio amor
– que o meu amor –
mais do que a aflição dos dias secos.

espera-se por chuva
a fumaça na madrugada
se torna uma curva
constituindo seca empfeitada

seca a fumaça
nos cigarros cintilantes
seca a paz que o distúrbio assim amassa
como com os sonhos havia feito antes

eu te amaria mais que o próprio amor
e secaria, com o ar
eu te amaria e então eu seria pavor
que a noite seca se dispõe a embalar

eu amaria
então não haveria
clarividência ou romaria
não as santas mães de Maria
ou romã caleidoscópio fantasia
seria
causa efeito poesia

eu te amaria mais que a própria dor
ou a felicidade
eu te amaria na cidade
no campo no corpo aonde for

eu seria negação
na estiagem
em vadiagem
eu amaria com todo coração

espera-se por chuva

eu te amaria.
mais, te seduziria

então te mataria
de amor e te desenharia
morta, em uma tapeçaria
de sangue – esse amor não vingaria

seria então o fim ritmado
em pulsações
todo desencontro glorificado
nas verdadeiras religiões
que ainda não nasceram,
mas que nasceriam
se o nosso amor
pudesse morrer
mas o amor não morre
nunca morre
continua sobrevivendo
delegando ciências
rindo-se de suas displicências
o amor não morre
o amor apenas ama

IV

o exercício de falar,
ou mesmo de ler
que é o som saindo, os olhos decifrando
reflexos – desenhos –
mas acima de tudo, movimento:
os lábios se movendo
acima de tudo, todos os músculos se movendo.
então, com um mesmo corpo e com os mesmos movimentos
iria se dizer as mesmas coisas
com a mesma voz

com o mesmo tempo.
não o tempo de palavras – sons –
o tempo de mover: língua, lábios, diafragma
o tempo de mover nuvens e sóis
e dentes incapazes de profetizar,
mas mais que capazes de dizer coisas sobre o norte
vivo! tão vivo quanto todo o resto
quanto gemido de mãe na noite em trevas sem tempo
por trás da divisória de algodão rústico,
presa no portal de madeira mal talhada e barro como reboco,
entre as sombras tremulantes da lamparina
e a dúvida inocente: ela chora ou sorri?
não se sabe.
a noite envolve a existência de forma caudalosa,
novamente o limbo entre sonho e acordado
e se ela sofria nada pôde ser feito
e se amanhece, outras conquista de sol
ofuscam o mistério de almas e bichos do diabo
sobre os quais as benzedeiças advertiam a respeito da noite

quando o norte é só uma maneira de evocar a tudo:
a masturbação diária
o aumento dos preços
aves que despencam sem porquê
e os tons de verde insanos

a respiração não cessa
o coração pulsa
e tudo se estraga e se perde
tudo perece
e perecem mais: os ouvidos e os gemidos
também perecem as mortes e os sorrisos
que se perdem no tempo, se perdem no espaço

no mundo, no jeito, no gosto, nos olhos
na boca, no sussurro, no silêncio
em tudo algo se perde
se perde em palavras
e as palavras escondem o que são de verdade
e não são de forma alguma
podem até não ser e terem sido mesmo assim
podem ter sido o vento e as palhas nos babaçuais
podem ser as pedras e o sumiço de coisas e as construções
e a equação ilógica da vida que não completa
mas que destrói e cria e desabafa

pode ser um novo jeito
uma nova experimentação
(uma forma mais direta)
que amedronta
pode ser o tom de voz
a tremulação e a incerteza

se o norte não é tudo
então é nada:
ele foi à explosão inicial e os corpos em expansão
– hipernovas, explodindo em buracos negros
que sugam galáxias inteiras
e nos sugam

(quando formos enfim criados não estaremos mais aqui
já não estaremos mais há muito tempo
quando a carne não fizer mais sentido
quando a carne tiver sido superada
seremos superados em amor
o amor ainda estará

e ele é quem explode
e cria matéria
e se expande e cria em meio a todo o infinito
em meio a todas as coisas grandes e destrutivas
– quentes
o amor cria uma minúscula e tímida forma de si mesmo
imperfeita. a qual damos o nome de norte
que é tão indefeso em meio a tudo
e que, como todo o resto, perecerá
mas este piscar de olhos é tudo do que somos capazes
é tudo que temos
e é também tudo que criamos e que somos
o norte nos supera
e irá além de nós
além do fim da história,
muito além
dessas coisas)

o norte é nosso arremesso mais potente
e não se sabe até aonde irá

Vértebra

pouco tempo
– não há tempo para transcrições
a música é boa por agora
a vida desvirtua e é obscena
a paixão dissipa-se
no couro
no ar
a paixão desaparece

não é hora
problemas vem e vão
no seio,
dentro da glândula mamária,
há textos de Calígula,
pequenos pássaros
e outras coisas impossíveis de deduzir

no seio
seu pequeno seio em minha mão
encaixados perfeitamente
minha língua em seu olho
o gosto de sua retina
o sal de seus cílios
nossos filhos:
os não nascidos repletos de direitos
– têm direito à vida,
à gripe, ao crack

no seio a inscrição:
abra-te Sésamo
e as pernas se abrem
sua vagina aberta
o Himalaia aberto
a muralha aberta
os rostos gigantes desenhados na superfície de Marte,
abertos!

enquanto houver verbos e medo
seremos humanos
e não há uma procura
é o que parece, mas apenas temos fé

no seio
o meio
o fim
na bunda o começo
nas cortinas que se movem sinuosamente
o vento.
no olho a língua
minha língua em seu olho
minha língua é uma navalha macia e salivante em seu olho

no peito
o Seio
a teta
no olho
leite
o ódio
no ódio o “o”
na língua

a boca
os dentes
as palavras
na língua a língua:
duas portas
na pressa a vida,
poucas escolhas
plantas em sacos plásticos
o gol
o chiado da panela de pressão
na vida as tripas que se fazem coração
a oração
no fim
no começo a hora

Barricada

nunca houve:
o nosso amor
somos estranhos
e o tempo dos poetas indomáveis
passou
levando consigo
acordes de canções
amenas

nosso amor
está agora enforcado
– morto, tal qual os filhos de Medeia e Jasão

Algun lugar!
eu quis que houvesse algum lugar
onde fosse possível depositar
a angustia,
mas não havia,
por isso tivemos que nos matar
e também
tivemos que acordar do
delírio
que nos matinha
entre toda essa vontade de poder.
– só o vazio coíbia
em totalidade –

sempre seremos vítimas
dos tempos verbais que provocam
cólera

e medo
e destreza.
já que tudo que temos uns para os outros,
passado o tempo de...
(não importa de que!)
está entre anéis e traços de carvão
– não temos mais palavras: desprezamos os verbos

lembramos os olhares?
que há com as mãos?
Estão vazias,
Ou enfastiadas?
de que é a demora?
A demora leva o que trazemos com
Saúde.

camelos saúdam nações de homens
por carregarem sua água em seu próprio corpo

meus dedos tateiam
letras e as descobrem
em definições fantásticas
que sabem
– os povos
ser a aurora humana
e palavra após palavra
percorrendo corpos
eram nossos corpos
mas nenhum era o nosso corpo

as cordas se rompem
e o ritmo oscila

não importa quão
forte sejamos
ao supor a fortaleza
que suspende
sobriedade

com algum prazo
é possível desenhar
gravuras fantásticas
é possível apatia
destronar
demais sentidos.

mal se vê!
as expectativas
os sonhos
os delírios
as suspensões
as filosofias
meras suposições

Segunda parte
(todos os amores iriam
mesmo morrer)

Crônica

“havia alguma estranheza em nós.
não podíamos permanecer”

e perdemo-nos de nossos filhos
e eles, de seus filhos
que eram nossos pais e nos perderam
com um des zelo amável que perdoamos
sem menção de fúria ou decepção

eles foram perdidos no sopro entre
pirraça e orelha e espinhas murchas

podemos ser encontrados agora
na beira da grota pescando cará
todos nós!
perdemos um pouco
que somos nós inteiros

Menor

I

menor, menor, menor
qual será a menor coisa de todas?
a metade da metade da metade do que já era pequeno
e o que é ainda menor que um poema,
tão pequeno e eterno quanto o silêncio?
tão pequeno quanto a metade do que se vê
com um só olho através da lente imaginária
de uma abertura minúscula entre as pontas
dos polegares e indicadores unidas:
um buraquinho

II

a relação triste
das estrelas e dos pássaros empoleirados.
há nisso muita vida, muita pequenez
então eu sinto em mim certa vida se edificando
e sinto, pois assim não me nego e tampouco
nego qualquer uma das coisas que me espreitam
enquanto vivo por segundos
e em ápice sou deus
depois a vida se esvai e eu e as coisas ao meu redor:
coisas mortas como pratos sujos ou cadeiras
e também coisas vivas como formigas e ervas,
vamos nos apagando, e tudo que é escuridão nos encharca
e há uma grande igualdade nisso

há uma pequena consideração
do que é despedida
sentimos isso, pois nos afastamos para sempre uns dos outros.
e perdemos para sempre o que é ser uma outra coisa
que não o que se é
e ser também o que se é ao mesmo tempo
sendo tudo de uma única vez

III

por isso às vezes eu vejo a revoada
e as estrelas
e me ponho, em uma exigência alheia,
a pensar sobre a distância
e isto de alguma forma me aproxima de Deus
e Deus não parece severo, nem parece dono de qualquer coisa
ele parece perdido e amoroso
temendo não encontrar o caminho de casa
ele pede a mim que o ajude
e eu, então, lhe digo com muita timidez e aflição
que não acredito nele
ele então chora, já que é uma criança pequena
e me faz querer chorar também, por querer acreditar em si
e nos anjos, que parecem tão belos nas pinturas
com suas asas brancas
mas eu não consigo acreditar que ele seja além
das estrelas e das aves e dos meus olhos e ouvidos
e por isso me entristeço
por ter olhos e por ver as aves com eles
e ouvir as aves com eles
e agradeço por poder ser triste às vezes

IV

pode ser que eu pense
uma vez qualquer com um impulso comum
sobre toda a natureza
e todas as cores que se projetam frente a meus olhos
e por que eu vivo com o perfume do funcho em minha lembrança
então, certamente terei o prazer de aprender que o perfume
é uma maneira suave e bonita de acariciar
nossos corpos
que o ar arranjou
eu entenderei que isso é um pensamento bonito,
mas que consome a beleza
e destrata a persistência das coisas,
que são nossas irmãs
e pertencem à mesma natureza que nós
e assim é provável que eu
mude o foco dos meus pensamentos
para um sentimento: algo cálido
como o sol rompendo as enervações ao longe
enquanto se afunda e cria noite
eu sei que me contentarei com essa visão
e não precisarei saber mais nada
nem terei dúvidas ou esperanças
apenas uma contente satisfação
que é sentir
como se eu jamais tivesse nascido

V

aprecio os seus olhos sem sono
quando parecem suaves e focados
com alguma alegria
que não posso descrever
e aceito
e teu nome é mãe
e nada mais
e não tens nome, porque nome é coisa que se põe
e em ti tudo é eterno
deste modo aprecio os teus cílios grandes que costumam cha-
mar horizonte
e percorro minha vida por ti:
verdade!
já que somos um para o outro artigo imprescindível
à existência.
e você é porque eu sou
e eu sou porque você é
para mim e comigo
de mãos dadas seguimos um só
formando o que chamam de aurora
negando que algo tenha nome
em estado nu de consciência
pois envergonha mais saber que existem nomes
que a nudez
nos corpos revoltosos enquanto deciframos funções
e pousamos nossa retardada ingenuidade
sob olhos de fera:
nascemos!

VI

de forma óbvia
há destroços e relva
sob a tenebrosa sucessão de
“profecias” e tudo mais que designa,
mas disso eu nunca saberei
como nunca saberei das coisas que
acontecerão quando eu estiver morto
pois estarei morto em corações;
haverá escombros
eu estarei de fato morto:
olhos e certezas

Poema de terra

Eu tento ver um pouco
Do que é cada uma das coisas

E quando em agosto o calor é eterno
percebo o lago ao longe no horizonte
E ele pode ser que compreenda em seu silêncio distante
Que eu também estou só
E calado
(Exceto pelos peixes e crustáceos de água doce
Imersos, em algazarra, em minha natureza)
E que algo de valioso existe em tudo isto
Mas que nada é visceral
Mesmo que algumas palavras sejam rejeitadas
Já que as outras pessoas não passam de grupos de proteínas
Circulando em meu “lado esquerdo”
Por isso esta é a melhor estação
E os conselhos fazem-se desnecessários
Pois assim já se é eterno
Suspirando
A fim de destruir palácios
Sem que estes, sequer, tenham chegado a incomodar
De verdade

Talvez por isto
O vento seco
Em um pôr do sol que emociona
Com egoísmo
Faz com que eu me faça de duro para mim mesmo:
Não quero ser mais o meu melhor amigo
Mas é sempre nesta estradinha...

Qualquer coisa entre estar feliz e perturbado por estar só

Determino que
Amor é a melhor palavra de todas,
A metáfora unânime
E eu não cansarei de utilizá-la
Como um vazio pelo qual se expressa qualquer significado
Ou nenhum, sendo o caso

O deus por trás do herói

O herói não sabe por que tem heroísmo em si,
O herói é meio desajeitado, mas o herói sempre consegue.
Ele não sabe por que luta, não sabe por que vive,
Ele nem ao menos sabe que vive.

O herói nunca está só, sempre há um bobo e um esperto ao seu lado.
Um bobo que nos alegra e um esperto que o encaminha.
O herói nos salva, mas não faz nada com tal intenção.
– O herói nem sabe.

O herói está na estória para preencher um buraco. Por isso
qualquer herói tem a mesma forma...
O Herói. Ele tem sempre a mesma missão: salvar o mundo, o
universo, a rua, a cidade, O amor! Qualquer coisa...
Há heróis devassos e também fumantes, mas nunca um que
não salve alguma coisa.

Por trás do herói há sempre um deus, um deus que o usa para
seus propósitos.
O deus por trás do herói é cruel, ele usa o herói em sua prisão
carnal para enobrecer-se.
Por trás do herói está Deus ou um deus qualquer.
Cada herói tem seu próprio deus! O deus de cada herói é um
implacável publicitário redigindo o roteiro do comercial.
Deuses e heróis não se conhecem, deuses e heróis convivem
intimamente em total desconhecimento.
Deus supõe o herói, o herói supõe deus.

Paio

Resolveram guardar os canhões
E toda a mitologia da terra se reuniu em um conselho
E as feras bradaram de forma amedrontadora
E os sonhos se materializaram nos distúrbios mais fieis
E o sol desceu
e ficou tão próximo da pele, tão próximo do desequilíbrio
– perigosamente perto de algum partido –
Que houve estalos ressonantes
Sobre todo o segredo
Os sentidos se desgovernaram e ultrapassaram tudo para o que
serviam
Então a voz ecoou: sublime
A morte dissipou-se e não foi mais possível distingui-la
A loucura comeu bastante e ficou enorme e todos os seres flu-
tuaram, ambíguos

Depois de tudo, os ombros tornaram-se inúteis,
E as canções, de uma única natureza.

Queridas pedras

Algumas vidas são minúsculas:
Mexilhões ou bactérias.
Alguém se importará com cada um deles
Com cada sorriso
Dado ou perdido
Pois são pequenos os dias repletos de afazeres
E alguns parecem do tédio.

Algumas das vidas são amarelas
Cor de manga
Pequenas e soturnas
E há alguém
Pensando em amar cada corpo
Mesmo o mais propenso a aversão
Há alguém capaz de subjugar
Toda a invenção humana
E buscar o puro prazer

Este alguém se esconde
Em cortinados
E calores noturnos
Que sobem o corpo
De vidas minúsculas.
Há alguém, enfim
A espera do desmazelo

É um feedback que não alcançam
Os verdadeiros poetas
Os que jamais expõem-se
Pois são fracassos unânimes

E têm o medo que absorve tudo ao redor:
Telhados, árvores, desenhos
Todas as formas minúsculas
Que não servem para nada
E por isso merecem ser descartadas.

Dívidas

Os dias vão passando
E perdoamos nossos próprios pecados
O esquecimento os torna perdoáveis
Elas mudam a cor do cabelo
E aprendem a dizer “goodbye” facilmente

Os dias às vezes são como a canção triste do
Anime – não dá pra saber o quanto nelas é Japão e o quanto é pop
Aposto que ninguém saberá:
Talvez algo como “pop ao modo japonês”
O que serviria a coisas maiores

As canções, qualquer que seja sua natureza
Não alteram o fato
De elas mudarem o olhar
O modo de sorrir
O tom da voz

Alguns dos pecados
Têm orelhas frias
E caminham com pernas a mostra
Outros porém
São apenas sangue
E não vivem além de nosso córtex

Os olhos

Você enxergar o dia inteiro
O olho se cansa
Você se cansa de ver
Não há nada nas coisas
Nada verde e nada vermelho

As mulheres nuas
O olho se cansa também
De velhos amigos
De antigos cartazes
Dos monitores
Os olhos ficam exaustos

O dia inteiro enxergando
Não é fácil
O olho seca
O olho palpita
O olho se arrisca
As diversas cores mastigam o olho
O que é formal corrompe o olho
As três dimensões superestimam-no

O olho se teletransporta
Os raios cansam
Os olhos veem

Veia

Dois copos sobre a mesa
E a sombra de julho
Dois copos sujos de cachaça
O vento de julho e a “solidão acompanhada” de julho
A cachaça vinda de um lugar onde há engenhos do tempo das
capitanias
Enquanto o vento desnor-teia as pequenas embarcações
Dois copos sobre a mesa resistem
Ao assunto empacado
Iguarias: peixe frito da barraca do meio
O sol ofusca todo o desconcerto
Então o olhar sobre a água do rio que se move
Jamais subindo
Leva, apenas.

Itens antigos

A grande sorte é ter os pés plantados
E ainda assim, possuir algum ritmo
É como o fato de o amor
Ser um meio termo entre algo
– Entre isto e aquilo

A propósito,
O amor é uma península
De passagem estreita
Envolvida por um mar violento
E as invasões de fronteiras
Possuem a sua fórmula

As noites passadas em claro
Não são meras chances para pensar
Mas um contato direto
Com os sonhos fabricáveis
Que são desenhos especiais
Pois não possuem forma correta
Apenas a fé de mutilados
E pessoas esquecidas por todos
Como loucos e miseráveis
Ou drogados
Pessoas que elevam a verdade a um
Patamar diferente

O ritmo, perante nossas escolhas patéticas
Parece ser um futuro intrajável:
Produto de crimes e de rios de força zodiacal

Quase sorte

Eu soube do mundo
E me fechei.
Como as dobradiças fecham as portas,
Os olhos em pálpebras fecham os desenhos que a face oferta
aos céus,
Em palavras a boca se fecha durante a tarde que escapa
Por entre os pés descalçados no campo de barro
E a fumaça que irrita os olhos que se tornam vermelhos.
Enquanto o chão é vermelho e o sol se põe: vermelho.
Os gritos são as bocas se fechando durante o jogo
E a gente, inescapavelmente, se fecha a cada fim de dia.
Fim de tarde
Fim de filme, fim da órbita do cometa que sequer pode ser visto
E tantas vezes nos vemos em órbita: maldição.

Eu soube da órbita do mundo
E me fechei
Como se fecham as cortinas
E o sol fica aprisionado do lado de fora
Do mundo que são pernas e boca e o quarto turvo: meia luz;
fresta incandescente.

Ler

Lê-se olhando as palavras e já enxergando seus significados
Deduzindo seus sentidos
E esperando – instantes mortos –
À espreita, como um caçador nato
A hora em que deve-se ler, enfim

Lê-se assim.

“E diante dessa resposta, criança,
Sorria!”

Ela sorriu, mas não sei se aceitou
Esta foi minha maneira de dizer que não se deve ler em vão
E, sobretudo, não se deve escrever sem desejo

Com o desejo vêm os motivos (eles encaixam-se)

Ela, então, pode não ter compreendido
Mas sei, dentro de mim sinto, que quando ela passa
Os olhos por palavras em páginas de todo o mundo
Vê (presencia) o que eu lhe disse
E se indigna.

Força motriz

A coisas podem ficar bem de repente
E isso dói
Dói saber que tudo que foi feito falhou

Tudo está tranquilo
E machuca
Ouvir a calma e os sorrisos

As coisas podem ter se consertado em um dia qualquer
E isso sufoca
Enquanto eu me recuso a escrever mal

O mundo pode se salvar e prosseguir
Eu morrerei atordoado
Pela tirania de Deus.

Pode ser que as preces sejam ouvidas
E o lamento final se cristalize

Essa mordança segue em combustão
Movendo gente e cactos.

Pés e mãos

Havia um tempo em que era apenas brincar com corações.
Tempo de brincar de viver.
Certo tempo que não se esgotava.
Tempo entre telefonemas e masturbação.

Não morreram: todas as pré-adolescentes.
Elas apenas não estariam mais no mesmo lugar
Com o ridículo título nas testas.

Houve um bom tempo: de pelos aparecendo inesperadamente
E de garrafas de cachaça
Tão baratas que era quase como se o governo subsidiasse a ausência de não se sabe o quê.

Sem barba e com amigos.
– vertigens.

Houve tal tempo.
A propósito, esse tempo continua
Além e além e ainda
Pelos séculos e formas

Colheita

Pensei que pudéssemos nos entender
Mas ninguém se entende
Todos somos estátuas:
Não ouvimos, não vemos
Estamos presos, cada um em sua própria forma

Pensei que pudéssemos sobreviver,
Mas o fim se anuncia
Emergindo do caos
E toda a poesia está fadada
A alcançar este entendimento

Pensei que pudéssemos destruir
Mas isso ocorre involuntariamente:
Não depende de nós.
– Até nisso somos tapeados
“Jamais estaremos”

Pensei que pudéssemos amar
Mas não há mais almas gêmeas
Entretanto, podemos correr:
Sempre mais
Até que tudo se esgote

Três

Só se pode jogar fora aquilo que possui!
Tente de outra forma
Vê? Não é possível
Nunca é possível entender isto!

“Um momento”
Diz a recepcionista, mas demora uma eternidade
Dou três voltas pelas eras
Três voltas rápidas ao redor do núcleo
Três mastigadas rápidas na comida
Três goles rápidos
Três anos lembrados, pateticamente rápidos!
A recepcionista enfim volta e me diz que não pode ajudar!
Mas que posso me associar a algum de seus planos
“Não quero porcaria de plano!”
Penso
Eu tenho meus próprios planos
Que não incluem, infelizmente, os grandes peitos da recepcionista

Eu não tenho nada, então me lanço ao vão
Na verdade os planos são uma merda
Como são os sonhos que os motivam

Três dias embriagado.
Três dias de esquecimento e três dias esquecidos!
Três dias de que não lembrarei os detalhes
Os detalhes tão comuns
Não vale a pena recordar

Enfim saio daquela idiota agência bancária
Minha cara está amassada e meus olhos ainda resistem à luz
Passo em uma esquina e tomo algo quente!
É incrível como em cada esquina parece haver um bar

Só se pode jogar fora aquilo que possui...

O que há de vir

Todos os amores morreram

– tão cedo

Morreram mais uma vez

– como todas as outras

Subjugaram espasmos

– o coração se corrói

Os amores se foram

– Estão distantes agora

Não voltam mais

– Ressuscitam, outros

Se passam por algozes e evaporam

– Branca era luz, brancas nuvens, brancas as ofensas

Sortimentos aliados

– Sempre, sempre envolvendo

Contornos negros para olhos monocromáticos

– Perfeitos

Os casos eram complexos

– Fora de alcance

Chacais sussurram conselhos absurdos

– Negra noite, conforta sonhos promissores

Encontramos provisões

– É novembro, sempre em novembro há alguma esperança

Como deve-se proceder?

– É então tentação: caninos pontiagudos

Veneno!

Como são

Meus dedos por entre cabelos
E parecem ser os mesmos cabelos
Não tenho certeza se é só impressão minha
Ou vertigem
Ou se deixamos de respirar

Alguns olhares parecem ser os mesmos
Então deserto
E sou um olhar que ainda ficou:
Ficam cócegas e cães
Porta-joias e avós maternas

Meus dedos parecem ser os mesmos
Por entre a água
E a chuva delimita a fronteira
Da solidez e do imprevisto
Pois guarda-chuvas escondem
Toques

Músicas ficam
Ficam
Fotos e bundas sem sorrisos
E se vão preces
Com Chopin
Se vão destinos
Destinos sempre acabam bem rápido
Como lixas acabam com unhas
Que também se vão
– Há prática

Saber e posse

A mulher por cima das nuvens
Nos observa noite após noite
Estrela após estrela
E se perde no vazio das nossas mãos

Entretanto paramos por questionar o que há
E nada do que se escreva poderá ser tão crucial
Não, não superará
Apenas tocará a borda

A mulher por trás dos rostos
Estará viva em sangue e carne
Apenas e somente enquanto duvidamos
E enquanto estamos mortos

Quando nascermos
A mulher por entre nuvens
Irá seguir para onde for mais necessária

O vazio conduz o anoitecer
Conduz o vício, conduz os jogos
Os enfadonhos e necessários jogos de amor

A mulher por trás da eternidade
Não estará, jamais!
Todos serão tomados por um desejo de poder

A mulher por trás das páginas
E por trás das cutículas
Sempre estará em volta do desespero,
Ela anoitecerá em raios púrpuros
E irá se pôr no lago
Ofuscando os olhos dos peixes

Infâmia

Quanto
Ar e um pouco
Par
Outro
Estar
Não! Não se vá, Clarice!
Me espere,
Acaso não ouvistes o que eu te disse?
Corou-se?

Nego que esteja agora
Em cólera
Mas a sinto
Sinto que posso mover-me
Tão rápido quanto rimas
Tão próximo quanto o fim
Tão nosso quanto
Segredos
Ao entardecer

De fúria
Precisa e tenaz
Contábil
Prazer:
Montamos

Se não por que
Tivemos medo
E medo é coisa séria

Tanto que detive-me
Estático, cogitando o inferno
– Eu não conhecia diabo algum

Colecionando assombros
Estive aéreo pois sabia
Que algo meu, só meu
Existia em terra de
Feiúra
E não trazia à tona
Nem sob tortura
– Tortura alguma me horrorizaria a tal ponto

Se eu contasse
O mundo que morreu
Por acaso
Acreditariam, as pessoas?
Saberiam elas que se morre
Estando vivo
E vendo espectros
De gente que não existiu e que ainda existe?
Creio que não...

Mas se temos
Fé
Nada mexe
Com nosso corpo
Pois coração de gente
É casa de Jesus Cristo

Porém, nunca andei vendo Cristo por
Trieiros em noite

Escura
Por entre coaxar
De sapos homens

Se Clarice escuta
Voz de menino
Pequeno
Conta
Agora a tua glória.

Te vejo
Assim
E é só leveza

Sobre deus

Houve uma vez em que eu briguei com deus
Foi uma briga feia
Ofensas de ambas as partes
Então ela se foi
Levando tudo que lhe pertencia:
Vestidos, olhares, orgasmos, milagres
– Tudo que é de deus

Mas como pode ser isto de expulsar a deus
Negar sua onipresença?
Ela foi: Deus é uma menina
Com um vestido que balança com o vento
Deus se foi em soluços
– Sinto que me amava, que ainda me ama
Posso sentir seu amor incondicional
Queimando minha pele

Eu disse algumas palavras duras à Deus
Mas dessa vez ela não pôde virar a outra face
Até mesmo em Deus sobrevive um certo orgulho
Que é amar a si.
E Cristo!
Há amor no amor
Certamente eu não precisava ter sido bruto
– Deus nunca foi bruto:
Ela vem suavemente em nuvens e estrelas

Certa vez Deus e eu tivemos uma séria briga
Ela se foi
Alguns vizinhos perguntaram a respeito

Temor

Há muito não se sabe do amor
E as esperanças infantis foram-se:
As meninas e os vestidos de chita
A chita e o oceano nos olhos
A morte e o que se planejou

Há tanto perdura uma antipática dor
E do que não se pode reaver, cansa-se

Ouvem-se desculpas e coisas sobre embriagues e inspiração
– Não creio
Há muito os anjos foram estrangulados
Por minhas tripas
E o odor de minhas carnes e fezes
No bico do abutre
Concordam com todo o mal

Eu concordo com o que não posso entender,
Concordo com teorias
E com o escuro
Discordo apenas de mim e da sorte
E da distração: se vão pausas.
Discordo do “nunca fui”
E me distraio

Fim da história

Cortaram a língua do homem
Os homens todos morreram
Os índios todos mortos
Os kamikazes mortos
Os homens-bomba em pedaços

Cortaram a língua da mulher
Os homens nos olhos das mulheres morreram
Morreram os vestidos longos
E o desejo dos homens entrou em colapso

Cortaram o gênero
O verbo
O artigo
A sintaxe
Cortaram Maquiavel
Mendel
Hubs
Shiang-Tsu
Cortaram
Rimbaud e Maiakovski
Assis foi fatiado
Cortaram Drummond
E Cristo foi feito em pedacinhos

Terceira parte

(desejo de céu)

Aves e sol

Não quero ser a loba alimentando
Os filhotes humanos
Desconfiada, mas solidária
Em maternidade
(Instinto que se confunde com amor)

Não quero ser o pacato morador da rua treze
Eu não me sinto daqui
Eu misturo o amor com alguns resmungos
E afazeres que ainda não fiz
– Acho que não farei

O que está por ser feito não é amor
O que se espera que façam também não é amor
O que se deseja não é amor
A paz, definitivamente, não tem nada de amor

O amor é aquilo que não se pode mandar pelos ares
Ele é aquilo de que se tem medo quando é pequeno
O amor não sabe o que realmente é

É bem verdade que não sabemos também,
É bem verdade que somos um dos extremos

O amor nos persegue
Ele tenta amedrontar
E ele se expõe em meus poemas
De receita pronta
Sem saber de nada
E nas vozes ele ecoa em frequências
Que apenas lembramos

Pelo sucesso dos amigos: um poema feliz

Repentinamente percebo que
Preciso tentar
Afastar-me das náuseas

Só um pouco do som natural
De rostos padecentes
Em frenesia
E um par de tempos

É o óbvio sentir dos dedos:
Apenas a valência de astros

A respeito do andar comum
Quando há vento?
Eu mesmo nada sei sobre ele
O que saberiam os que não sofrem?
E quem deste mundo não sofre às vezes
E ama todos os dias
E aceita injustiças
E é lilás por ocasião?

A voz sempre é fraca
A voz nunca é suficiente
Nunca fala nada com nada
Quando se destina a toda a humanidade

E falsa é a fé, mas um conforto adequado

Entretanto, só os deuses
Verdes e insensíveis se mostram
E balançam-nos pelos braços

Um gosto soturno
Contudo contente
Como quem ri no meio do choro
(Só um pouco)
E encabula-se e sente raiva por ter rido

Fantasia

Nesta noite
Um poeta talvez vague
Sob o triste luar
Como uma agressiva coruja
Dispensando alguns convites
Com certa aspereza

Os garotos desenham
Suas inúteis sabedorias
Numa distância incalculável
E buscam além de um olhar opaco
A certeza ou um tapa-olhos

Dos mares hostis quase nada se sabe
E de um desejo a paixão está manchada
Interceptando preciosas aspirações
A noite prossegue
E podemos, enfim, suspirar

Querendo ou não
Façanhas e gaitas soam
É em desamor
É apenas a noite

Ao encontro

Caminhamos solitários
E matamos nossos heróis
Um a um
Com tiros imprecisos

Andamos por veredas sombrias
Disparando contra espectros
E imagens anunciativas:
Foi tudo um engano
E delicioso

Os quadrúpedes gigantes
Nos amedrontavam
E meditamos sobre o ritmo do vento
Sobre as quedas
Sobre o arco-íris

Em silêncio vagamos
Moribundos na superfície
Translúcida da existência
E tudo aos poucos se foi
De maneira obscura e vertiginosa

Caminhando

A intensidade pode ser percebida
Em pequenos instantes
De nomenclatura esquecida
Pelas eras humanas

Mas a vida, que quase sempre transbordava
Era amaldiçoada pelo quase
Que difere entre meia porção
E privilégios homeopáticos

As coisas, se não obscuras
Insuficientes
Mas o pouco tempo que limita
Conformando-nos a não sermos de todo
Todas as coisas
Em canções que se criam para sempre
Pois o que se é
Tropicando
Em lembranças cegas
Num humano ato de lembrar com posse
Estraçalha-nos

No vão de grandes feitos congelados
E da beleza fugidia de um cordel enfermo:
Histórias de famílias
Sonhos autógrafos
Que reaparecem em contínua
Obsessão

Talvez sejamos a serpente
Sorradeira em seu mal
Deixando os camundongos histéricos

Espaço da paz

O que eu posso ainda querer?
Se a essa altura sou um broto de caju
Na casa da Dom Pedro I
Um fantasma
Por entre as paredes fofas
E também o mofo que as impregna

Já essa vontade imensa de salvar a todos
E de explodir
Sou eu, esquecendo a maldade
Mas por toda parte se ama
E se é de anomalia

Eu não quero o arco
Pois talvez a saudade esteja
Condensada
Em encontros casuais
Em jornais recortados
Na fome
Ou na existência particular
Da forma unânime de conduzir rebanhos humanos
Em monumentos
Que enterrei embaixo da pia
De lavar roupas

A propósito
Quem inventou de chamar
Esta qualidade de “manga de mesa”?
É curioso isto
E como eu a amava

Especialmente azeda:
Seus cabelos negros
Brilhantes e curtos
Sua boca a postos

Nossas rugas infantis por gracejo
Formavam-se

Qualquer calor era besteira
Somente o ar levando o pó
Mentia para nós
E o derretimento das calotas
Era de pouco valor

O cerol causava mais
Mortes que notícias
E as loucuras se precipitavam
Ao abismo da inocência

Era de fato a nossa paixão
Sujada e melhor que o mundo inteiro

Este mês

Os adoradores não precisam de novos ícones
É definitivo que isto de nenhuma forma
Me importa
Apenas sobrevivo
E tudo o que eu sei é o que contam as conchas
Arrastadas pelas ondas

Às vezes o amor é uma hélice
E é muito
Mas eu não sei o que fazer com isso
Então lembro que cresço
A cada uma das duas estações anuais
E com elas me conto eu
A tudo que me dispensa e existe por si só

Além disso
Conto com um pouco de sorte
E o medo da eternidade
Tenho para sempre somente
O recuo que as vestes proporcionam
E me sinto valente ao lidar
Com os sonhos

Também, só morro porque é bonito
E me esquecem todos porque
É ainda mais não ser lembrado

Cancioneiro

De todo aquele amor
Pouco sobrou:
A voz rouca naquela canção
E as notícias distantes
Intocáveis...

O mais puro suspiro
Rompendo a lâmina do silêncio
Ainda é muito
O sangue escorre em minhas pernas
– Não deveria ser assim
Meu espírito, temo eu, não se conservara
de todo o caos
Ainda temos a rouquidão nas vozes
E no medo ainda procuramos abrigo
Além de nossas feições

Até a bela e enigmática fugitiva
Foi capturada
Essa é minha dor cancionero
Essa é minha dor

Sonho

É o viver
Assim torto, estranho
Que falta algo
Falta amor
Falta
Sou eu assim estranho
Assim disperso
Não sinto nada
Me falta amor
Sobre qualquer coisa:
O dia a dia é enfadonho
E qualquer coisa é carência
Outro dia é sonho
Sonho
Eu sonho
Vou na brisa
Mas fico
Olho pra trás e fico
Triste, mas fico
E ainda me falta amor
Qualquer coisa ainda me serve
Outro sonho vem
E eu o acompanho

Nego

Ei, e se a gente soubesse
O que vem depois
Né nego?
Ou pra onde é que tudo foi
Né?
Se a gente quisesse
Só ir também nego
Sorrir amém
O que é que tem?

Sol da manhã
Meu preto
E a gente nem sabe pra onde vai
O sol caminha dois terços
A gente nem viu e o dia já não é mais

Mas qualquer hora
A gente quer alguma coisa
Pro bem
Seja bem como quiser
É só querer
E ir pra onde der
Né nego?

Cama

Êta maneira
As gotas escorrem
Na visão distorcida
Pelo vidro da janela

Mesmo besteira
Quando se está só
E o mundo é a criança morta
A casa vira cela

E na prateleira
A compota
Ainda virgem de colher
Me espera

Observo a goteira
Que molha a toalha da mesa
Velha mesa
Onde comiam eu e ela

Solar

Entre imensas colunas
O vento dribla construções
E as, há muito extintas, comunas
Foram soterradas por inúteis revoluções

Um corpo flutua tranquilo
E se apaixona pela única estrela
Apenas sua fé não deixou de segui-lo
Mas no fundo sabe que nunca irá tê-la

Não houve um fim ainda
Mas com o fechar de olhos
Todo o mundo se finda

Além de tudo que se constrói
Depois de versos e pobres rimas
Sobrevivem destinos que se fazem em nós

Viram

Já fui de touro
E cheguei a morrer em escorpião
Nesse trajeto devorei perpétuas estrelas
De pele macia e corada
E de morte natural fui amputado de Vênus
E de todo o seu sexo
E de toda a sua surdez

Fui ampulheta pequena
Escorrendo pó
De sino de horas
Fui vereda em algum lugar
Do rio de prata e sono
Embalado por água e anoitecer

Em tempo de vento
Se corre como contas de terço
Com trapaça de preguiça
Que foi certa vez
– lembra-te?
Nossa mais pecaminosa
Judiação
Em tempo de vento

Em tempos de vento e choques
Somos orações sem pedidos
Sem gratidão
Só um pouco de medo e dúvida
E desejo de céu

Amor

Você tem agora o meu semblante
Mas ele nunca foi meu
Sendo algo que se vê
Ele sempre foi de todos no mundo:
Dos pássaros, das plantas, de todos!

Agora você tem a mim e eu a você
E temos juntos a juventude um do outro
E juntos temos a mera vontade
E a persistência que viver nos obriga a ter

Agora você também tem o meu medo
E por isso temos a mesma escolha:
O sono, olhos cerrados e calor

Sob o sereno

pode haver visão
se não somos fio tênue?
– mau amor
pode a mesma mão
çoçar cabelos
em busca do mesmo sabor
em troca de conselhos
– rubor

pode estar
e tentar
– é vão!

pode haver motivo
mas na madrugada coisas caem ao chão
se enrosca em minha alma miado cativo
– entrego-me
clarão

pode a mesma canção
despertar sentido outro
pode a carne pulsar
e ser maior que o melhor
desejo
solto

posso desperto ver o dentro
do dentro
e entre do que está entre

e o além do além
do que tenho em mãos
pode a mesma gratidão

pode a coisa toda
e a outra
não pode o motivo
e a tarde de mim envolta
não pode a conspiração
não pode, não

meus dedos em unhas
– quão!

Havia um gato no muro

Havia um gato no muro
Ele saltou!
Não havia um cachorro no muro
Nem mesmo o latido do cachorro estava no muro
Não havia marcas de patas de cachorros no muro
As marcas das patas do gato estavam no muro

Um dia o muro cai
Mas não com o gato em cima
Gato e muro são feitos um para o outro
Por isso não existem cachorros em muros
Há silêncio no gato
O miado do gato rompe o silêncio
Mas não o destrói
O muro é puro silêncio
O silêncio é uma unha de gato arranhando
Um quadro negro

O gato não sobrevive
Morrer é o que acontece com os gatos
Ser um gato é ter que miar às vezes
Subir em muros e rasgar sacos de lixo

Um tigre não é um gato
Nada é o gato
Gatos são seres que existem por milésimos de segundos
Gatos sobem em muros
E preenchem o espaço entre
O nascimento e a morte
– Morrer é natural para um gato

Não se pode falar
Sobre muros
Muros são coisas sobre as quais não há muito que falar
Muros não morrem
Muros existem
Os muros são feitos de tijolos, cimento
E pedreiros

Há muitas almas de pedreiros
Aprisionadas nos muros
Os gatos sobem nos muros
E fazem cócegas nas almas dos pedreiros:
Homens que
São, de alguma forma
Um muro

Não há muros
Apenas tijolos justapostos
Os muros não são feitos para prender gatos
Apenas para prender cachorros
E homens

Não há vida nos muros
Um gato é um gato porque nasce e morre
Um muro é um muro
Porque enxergamos assim
E quem saberá o que é um muro para um gato?

Quarta parte
(Deus não tem mais nada a
nos ensinar)

Alguma sorte

Às vezes acordo
No meio da noite
E sei que ainda falta algum tempo para o amanhecer
E tudo que eu tenho é o escuro
E minha respiração
Interrompível
E me sinto grato
Por ter uma cama
E algum tempo

Um roedor

Os ratos me incomodavam. Seu barulho se parecia com os efeitos sonoros de um filme de terror e ecoavam pela eternidade da noite inerte, na qual havia mistério. Quando se está sob o teto de alguém e não se pode sair ou fazer barulhos que acordem as pessoas, pode-se, pelo menos, conversar com os ratos – medonhos. Que se dizem bem maiores do que são. Um desses roedores, certa vez, me deteve contando que para ratos o melhor da vida estava na noite e no silêncio.

Longe de sensacionalismos

Algumas pessoas são extremamente rápidas
Como macacos trapezistas
Não se pode alcançá-las
Elas estão numa estação cravada
De loucuras

Eu pensei que pudesse ser uma impressão
Mas de fato elas existem
Além de tudo
Que é moderado
Não sei como se formam
Mas acabam acontecendo

Certa vez em um refeitório
Obscuro
Serviam uma pasta
Horrível
E um desses seres se aproximou de mim
Sublime
E me falou
Coisas amargas
Sobre como não há lógica
Em uma porção de coisas
Como a vida e Deus
Ele falou
De forma a me frustrar
Eu nunca mais fui o mesmo

Apesar de continuar estúpido e medroso
Agora acho que escuto os sons
Com mais poder
E talvez almeje alguma glória

Ele se foi daquele lugar
Distribuindo a boa nova
Como uma função biológica
Em sua composição

E o anjo em seu encaço
Saltitava de satisfação

O orgulho

Eles talvez estejam solitários como eu, percorrendo avenidas ou espancando cães em quintais escuros com um mato vivo e consciente. E as plantas na escuridão falam sobre o sangue humano que lhes nutre há milênios. Pode ser que seja apenas eu e a misteriosa essência da escuridão, falando sobre como estamos perdidos em nossas certezas e nossos conselhos, que não perdemos oportunidades de compartilhar e afirmar.

Às vezes é um trago sobre quando algo se rasga em nossa carne, e todos compartilham o jeito de continuar. Por isso as fezes existem, para sabermos que somos reais e estúpidos e biologicamente limitados e que fedemos. Assim. Há uma resposta às coisas que se amontoam em um desespero calculado e ofensivo, pois sim, há fervor na solidão – mentes são betoneiras, tremelicando, fazendo concreto.

O mundo contempla a mesma frase sendo reescrita, mas é o que ainda posso fazer, mesmo que termine sendo uma cópia barata e maldosa.

Até uma certa hora

Você conversa até uma certa hora
Ouvindo a música de que gosta
Ou as que julga serem mais oportunas ao seu estado de espírito
E Vallejo, em seu tempo
Talvez estivesse fodido
Sem luz
E água encanada
Escrevendo
A partir de seu sangue e tripas
Melhor, bem melhor
E com mais objetivo que você
Mas mesmo assim ele não pôde
Prever como seriam os dias
Nos anos à frente
E mesmo assim ele falhou
Pois
Seus poemas em espanhol
São apenas poemas em espanhol
E nada podem contra a malha
Gravitacional
E nada podem contra as marés
E contra os ouriços marinhos
Seus poemas
São fiascos
Bonitos
Bonitos...

Filtro

Duas garotas se aproximam de mim, enquanto eu, por minha vez, sigo em direção a elas. Nós três, com alguma unidade fatídica, caminhamos subtraindo vetores e somando nossas velocidades, quase concordando que isso já é um motivo. Elas deslizam sobre um único skate, uma atrás da outra, e se tocam de forma sensual. Como se fosse possível este nível de percepção, eu vejo a que está atrás falar ao ouvido da que está na frente, com lábios de 15 anos, bons, muito bons, para pernas tão finas e insinuantes. Ela talvez fale sobre mim. Me aproximando, mas não há tanto tempo assim – foi um único movimento. Elas movem os olhos enquanto nos cruzamos, e eu faço o mesmo. Elas me seguem com os seus rostos queimados de sol, que recebem agora o sereno tranquilo que emoldura a tarde. E neste olhar eu sei que estão contido 200 mil anos de humanidade e quem sabe uns 50 de televisão e mais uns 100 de revistas e alguns séculos de romances robustos: dos que preenchem prateleiras inteiras.

Elas descem ladeira abaixo com seu skate, eu permaneço vivo – como era de se esperar – mas não com a mesma alma, algo se purificou.

Quando a noite é monótona

Quando não há parênteses
Crio alguns

Pois é preciso que nos prostituamos
O quanto pudermos!

Cada instante
É absurdamente
Maçante
As músicas populares são maçantes
E os ônibus repletos de
Pessoas obstinadas são maçantes...

Eu não sei o que fazer
Então crio uma intriga banal
E me mantenho vivo
A esmo
E avante!

Beijo

Eu passo a minha mão com maldade nas pernas dela – nas coxas, na verdade. Vou tentando subir a saia: pouco a pouco. Ela tem apenas treze, mas não faz mal, porque a essa altura eu só poderia ter, no máximo, quatorze. Ela segura minha mão, impedindo-me de prosseguir com aquilo. Eu não seria tão ousado para insistir com força, isso a assustaria.

E enquanto ela segura minha mão, que paira sobre a sua pele crua – próxima, tão próxima do nirvana – ela me beija de forma animal, com força e inexperiência, socando sua língua na minha boca até o meu céu da boca e, por vezes, chupando a minha língua. Eu repito os movimentos enquanto os segundos passam e suas unhas se cravam em meu pescoço, cada vez mais fundas. Eu vou tentando me aproximar de seus peitos com a outra mão, subindo pela cintura, mas ela soltará o meu pescoço.

Os minutos passam e continuamos ali. Por vezes damos pequenas pausas para checar o aspecto um do outro. Percebo que sua boca está avermelhada, mesmo a pele morena disfarçando isto. Aos poucos os segundos se tornam uma prisão eterna. Continuamos e continuamos com aquilo, para sempre, num ciclo. Mas estar tão próximo daquele calor era uma dívida, também eterna.

Reencontro

Não nos víamos a um bom tempo. Cogitamos dois, talvez três anos. Aquilo parecia muito complicado, e de fato era. Sabíamos que não funcionaria, não era a mesma coisa, mesmo assim tentamos, mas não com o nosso melhor. Ela parecia mais agressiva, até mesmo frustrada, agarrando a situação com voracidade e respeito pela vida, por estarmos ali naquele instante, um respeito pela natureza e pelo acaso que constituía tudo: os lençóis, a cama movendo-se com descaso, o ranger dos pés da cama. Um respeito pelas paredes e pelo chão do banheiro fedendo a mijo. Por tudo que tínhamos nas mãos e que era nosso sem direito algum, mas era nosso.

O chão era triste, os óculos e a confusão de fios eram tristes em cima da cama ao lado. Era triste a ausência e o tempo que tinham deformado nossas ações. Nosso apelo era triste, desmotivado e certo do fracasso. Nossa força em tentar causava pensamentos – julgamentos – e expandia o tempo naquela atmosfera que nos esmagava os corpos. A cor da escuridão era preocupante e o sono fazia-nos crer que o dia nasceria com uma borracha seguida de lápis de cor.

Marré

Ela é uma tristeza pequena e quente
Que se abate sobre mim
E que traz maturidade e sonhos aos meus poemas

Enquanto digito, finjo estar apertando as teclas de um piano
Enorme, negro e brilhante
Mas na minha frente está o monitor – luzes e Cartola tocando

Ela é este pequeno beija-flor.
Uma felicidade tão plena que é triste:
Aos poucos

Ela é uma pequena dor que constrói
Contradições. E não sou eu quem escrevo
Somos escritos. Todos!

Conversa

Ela me perguntou: se você fosse um animal, qual gostaria de ser?
Como eu não sabia, respondi que uma águia, pra poder voar bem alto

E que de forma alguma gostaria de ser um bicho que viva na água
Ela então me disse que se fosse um animal gostaria de ser uma tigresa

Por que acha os tigres os animais mais bonitos de todos

Principalmente os filhotes

Seguimos nos dissecando

Com perguntas ingênuas

Nossas mãos, embaixo da mesa

Tocavam-se com cuidado e sem jeito

Seguimos reconhecendo nossas almas um no outro

E por isso agora acredito que não morrerei mais de todo:

Ela me levará!

E a nós, a terra

Como somos: crus!

Livres da tormenta

Sem vestígios do padecimento.

Apenas crianças...

Dois

Ninguém viu
Mas havia sol, música e algum conforto
Ninguém viu
E passaram-se os deuses sob nosso olhar
- Mortífero
Assim mesmo saíram imunes

Apesar disso, quando correram
Afim de ódio
Estava o tempo concentrado
- Sem saturação
Só luz petrificada
E os deuses passavam sob o olhar de crianças
Já que as coisas aconteciam atônitas
E tínhamos ódio
E tudo que sabíamos
Era contraste
Luz e cor
Um pouco de fé
Só um pouco
Os dentes fracos

Enlaces

Deus nos dá uma chance então a gente arranja um jeito de cuspir em tudo
E esculhambamos com tudo e tudo acaba assim
E essa foi a primeira chance
E Deus nos põe frente a frente mais uma vez
E outra vez, e continua nos pondo olhos nos olhos
E ele nos dá espadas e nós as usamos para furar um ao outro
Então Deus nos dá mais uma chance e a gente cospe novamente
E Deus segue nos dando chances e oportunidades e nos dando forças
Mas também seguimos vomitando em tudo
Cuspindo acidez no que nos é entregue com amor
Deus segue fazendo nossa parte
E seguimos desperdiçando a vida
Vez após vez
E parte após parte
Dor após dor
Então aparece alguém que te empresta forma
E é só alguém que te ajuda a sujar tudo
Alguém que vomita em tudo também
Alguém que está do outro lado porque é preciso estar vivo
E que mede forças pois não é possível se livrar
Do peso, da vida e do cheiro
– não se pode livrar do cheiro dessa pessoa
E com um olfato canino
Continuamos, dia após dia
Cagando em tudo
E cuspindo em tudo
E negando tudo, tudo, tudo que nos é dado
E Deus se entristece
Por que nem mesmo ele pode nos dar mais que uma vida

E mesmo ele errando com os aleijados e os famintos
Somos uma boa obra:
Efêmera e pulsante
E Deus tem todo o direito de estar triste
Porque ele vem nos dando oportunidades todos os dias
E nos dando fé
E nos presenteando com a morte e a dor
E com os acontecimentos
E a gente caga em tudo
E a gente cospe em tudo
Joga fora uma tarde inteira
E percebe que não se tratou de uma tarde
Mas de uma frase
E de alguma forma
Sabe-se que não foi só isso
Sabe-se que cada respiração continha um significado
E que cada suspeita, éramos nos
desperdiçando o grande milagre
E Deus não tem mais nada a nos ensinar

As crianças assassinas

Houve uma vez em Corda Fosca três garotos assassinos. Eles matavam para matar. O mais velho tinha no máximo onze. Eles matavam para destruir. Eles não tinham medo nem pena. Tinham meios cruéis. Matavam por tristeza. Eram tão frios. Não se sabe bem. Mata-ram uma vez em Torca Borsa três meninos através. Não houve chance alguma: com machadadas e pauladas na cabeça. Em certa versão, com marteladas. Sangue escorrendo pela terra. A terra absorvendo sangue e miolos e se sufocando com juízos despedaçados.

Mataram tantos e morreram cada um de um dos outros. Membros amputados em Doca do Esmero (lugares, lugares). Jogos de man- tança nunca passam sem marcas. Certezas, não havia certa vez. Ou, então, iriam indefinidamente até a dizimação humana? Carne se ras- ga, sabia? Por que isso? Morte é coisa que se conta? Uma, outra, mais outra... Não sabiam sobre isso, eram apenas meninos com mãos com rapidez e divindade. Este pode ser um dos últimos contos e sabemos disso. Morreremos outra vez em Carolina. Dizemos por aí que eles eram assassinos e malditos covardes com uma arma de seis tiros e por isso era preciso tomar cuidado: crianças não são de inteira confiança.

Afogamentos: se dê ao trabalho de imaginar um. Talvez você até morra assim, mas não terá a chance de pensar a respeito. A água por todos os lados. Você segura o ar, mas então se desespera e engole uma boa quantia. Existirá um Deus? Talvez chegue a pensar a respeito... A água continua te sufocando e você se move com agitação. Percebe que é algo sério que está acontecendo. Consegues sentir? Te falta o ar e você não sabe o que fazer para sair dessa. Esta é uma péssima hora. Os pensamentos se confundem. Tudo isso não dura mais alguns minutos. Muita água é engolida, muita dor – há água em seus pulmões. Suas mãos não alcançam nada. A vida está acabando e você tem tempo para perceber isto. Você tem consciência de que está acabando, mesmo os seus pensamentos estando agora, estranhamente, confusos e difusos – como por exemplo um coelho gigante num monociclo.

Os três tinham poucas chances: corpos pequenos, olhos pequenos. Poderiam ser irmãos. Três crianças assassinas. Mais cruel que a fome. Seus pequenos braços vagavam pelo sertão. Dava para prever: previu-se. Na noite: frio, no dia: calor. Iam matando quantos podiam. Colecionavam mortes. Preferiam outras crianças – era fácil e duradouro (torturas). Às vezes apanhavam mulheres ou homens. Era preciso enganar. Pediam ajuda. A arma apontada rendia as vítimas. Quantos engodos – nem o olhar mais profundo da meretriz Tereza de Vera Mar. Quando o tempo propôs a vida, morriam três garotos na cidade de Noite Calma.

Pense na sorte. Três garotos morreram, mas poderiam ser aves sobrevoando no céu azul sem nuvens do sertão. Eu não sei quantos anos tinham. Lhes faltava pernas e dor. Três mortes amavam em Causas Serenas.

Uma porta fechada

Mais uma vez e outra e outra
Você de novo comigo.
Estamos bem.
Estávamos juntos:
A eterna descoberta humana

Esperando ligações
Sapatos espalhados
Meias em cima da televisão
Papeis rabiscados sobre a cama
– Um porre
Uma vida

Toques são sempre iguais:
Apertos de mãos e abraços de boa noite
Cidades inteiras
Pessoas em cacos
– Natureza-
Posteridade!

Andar só
Esperar por rimas e por coerência
Não é buscar a poesia
Não é!
Que se foda!

Vazio

Às vezes eu sinto a morte
Tão próxima de mim
Que é estranho e acolhedor
E eu tenho medo e indiferença
(Costurando um paradoxo)

Às vezes eu tenho tão pouco a alcançar
Tão poucas vontades
Tão pouco prazer
Que me sinto um alien
E é só esse vazio
Me perseguindo em qualquer lugar

Às vezes eu sei de coisas
Mas nunca! Absolutamente nunca!
Acredito em alguma delas
– Nem mesmo em minha descrença

Às vezes eu tenho nas mãos a noite
Mas é patético, o que há de verdadeiro nisso?

Tem vezes que nem tenho nada a desabafar
E nessas ocasiões, escrevo.
Pois minhas palavras não são amargura aprisionada.
Mas vazio contorcendo-se pela pressão atmosférica e dissipando-se, alheio

Maus bocados

Eu já passei por uns maus bocados
E as coisas não são como nas comédias românticas
A sensação é completamente outra
Não há frio na barriga, só um frio – lâmina – que corta
Corta cada víscera
Ela mordeu minha boca quando tentei beijá-la
Por desespero
E o gosto do meu sangue – ferrugem –
Se juntou entre meus dentes
E escorreu até meu queixo
Ela foi,
E não poderia ter sido de outra forma,
Ela não voltou mais, nunca mais voltamos
Morremos ali
(Não imaginei que sangraria até a morte)
O fato é que morreram em um endereço na avenida 3
Duas pessoas em uma noite de gritos
Infartúnio e sexo
(Que podiam ser ouvidos no quarto ao lado e que não se cons-
traiam com os sons do assassinato)

Aspiração

Toda hora é a hora para um conto. Um bom jeito de estender a eternidade um pouco além da mística miragem de uma canção evaporante de almas. Sobre isto eu tenho que contar que conheci um cantor. Ele tinha um brilho especial na forma como cantava. Ao avesso desse sentimento que se estende sobre mim e se precipita em acidez.

Matam pessoas por aí, e que é o mal? São formigas sendo esmagadas ou vírus perdidos para sempre. Jamais infectarão outra célula. Sua fórmula jamais se formará novamente. Os códigos de sua composição não se formarão outra vez, pois é improvável. E mesmo havendo todo o tempo... Mesmo assim sabe-se que acabaremos antes. Nós, irmãos de carbono. Filhos de um deus insolúvel.

Um canto rouco, e a vingança se edifica. Não me perca as sandálias. Perca os delírios. Lá fora o sol banha qualquer certeza e desmente qualquer solidez que a existência possa forjar. Somos a luz refletida e o ar reverberando. Ao menos andamos: uma fórmula do acaso, para sempre perdida, para sempre sem rosto. Um furacão de nebulosas nos arrastará ao ralo pernicioso do futuro.

Não é sobre escrever bem ou não, é sobre o sentimento. Algo como tentar expulsar, não se sabe o que, mas talvez se parece com vomitar e se livrar, por fim, das náuseas e da dor de cabeça. Ao mesmo tempo é parecido com um prazer carnal e uma emoção nobre como rever alguém querido após anos. Não é sobre escrever bem, os melhores textos não são feitos assim, mas é o melhor jeito de se escrever. Este é o melhor sentimento.

Quinta parte

(poemas de natal)

Primeiro poema de natal

O primeiro de todos os diabos
Era azul
Assim como o céu
Ele me perseguia
Às vezes escuro e as vezes claro
Era um diabo qualquer
E era o primeiro e por isso aceitável
Mesmo meus olhos estando avessos agora
O diabo era um estranho
Mas era o primeiro
E por isso errava

O diabo agora não é mais primeiro
E continua me perseguindo
E me refrescando de dádivas
E ele conversa com a sua ironia ridícula do modo lírico de falar
E ele me salva de ser salvo por um deus de três olhos
E, claro, o diabo é mal
Mas mais que mal ele é irritante.

Segundo poema de natal

Estou só e logo será natal
E isso me importa mais do que deveria
Já que não tenho um deus
Mas não deixa de ser um “importar-se”
Sarcástico e mal

Minhas roupas estão molhadas
Enquanto chove
E eu sei que amanhã
Poderei ficar o dia inteiro
Nu
Pois as ovelhas não se importarão
Nem os porcos
E tampouco as vacas que migraram pelo deserto se importarão
Com meu saco balançando

Penso em comer algo
E beber algo
Até que esteja satisfeito com os planos,
Com as coisas que irei fazer no ano que segue
Sei que posso me sentir contente
Com as obrigações
Se eu beber um pouco

Das gotas que tocam o telhado
Tenho uma empatia
Que traduz
Um rosto de sangue estúpido
Em seus barulhinhos

As portas batem dentro de casa
E eu gosto de ouvi-las
Assim como gosto de estar arrependido
Pois sou um puto sádico
E por isso coopero pra foder com tudo
Com meus olhos inocentes
Que, na maioria das vezes,
Disfarçam muito bem o frenético
Desespero.
No mais, tenho fome e desprezo
A chuva não passa e a geladeira está vazia

Pelo menos tenho um pouco de dinheiro

Terceiro poema de natal (o último deste ano)

Percebi que posso beber uma garrafa inteira
Dessa aguardente de gengibre
Desde que eu tenha sal e limão

É bem mais fácil que do que parece:
Eu dou um trago
E mordo o limão salpicado

É bom e eu sobreviverei à humanidade
E às famílias
E às divisões políticas
E até mesmo à aurora boreal

Estou bem
E acordado

A água ferve
E não há nada de interessante a ser dito sobre qualquer coisa.
Estamos nos transmutando agora mesmo
Em criaturas
Desconexas
E tudo que já foi feito falhará
E mesmo a boa-fé será massacrada
E nossas noções de arte e prazer serão
Arcaicas e dignas de estudos
“ancestrais”

Nem todos sabem, mas os diabos, por vezes, magoam mais, não por serem malignos ou por não terem escrúpulos, mas por sua ironia. Quando se alteram os enigmas, é preciso aborrecer-se um pouco, afinal quem está livre de si? Sabemos disso, e com algum sofrimento as coisas passam. A maior maldade é não se importar. A este dom, há de se dedicar os tributos inúteis. E disso é que de fato nascem os diabos.

Apoio:

